

Vôos

Antônio Carlos

Chegamos à porta do céu...
e lá, no alto, há um lugar
onde não se conhece a distância
e onde o tempo não passa
de um instante a outro.
É um lugar onde se pode
ver o mundo inteiro
de uma só vez.

Antônio Carlos

3ª Parte

Prosa de Ficção

que são as pedras preciosas, as pedras preciosas das lembranças que o mar, um dia, bardeou com suas ondas. E lá, no alto, há um lugar onde não se conhece a distância e onde o tempo não passa de um instante a outro. É um lugar onde se pode ver o mundo inteiro de uma só vez.

Na verdade, as pedras preciosas são as lembranças que o mar, um dia, bardeou com suas ondas. E lá, no alto, há um lugar onde não se conhece a distância e onde o tempo não passa de um instante a outro. É um lugar onde se pode ver o mundo inteiro de uma só vez.

Na verdade, as pedras preciosas são as lembranças que o mar, um dia, bardeou com suas ondas. E lá, no alto, há um lugar onde não se conhece a distância e onde o tempo não passa de um instante a outro. É um lugar onde se pode ver o mundo inteiro de uma só vez.

Passado Azul

Giselda Medeiros

Parecia completamente só. Carregava nos olhos fundos, sem brilho, a tristeza das noites silenciosas. Os lábios finos, amargos, nunca se abriam para deixar à mostra os alvos dentes enfileirados, sentinelas de um quartel, onde a palavra de ordem era sempre "calar"! As faces magras e pálidas guardavam a expressão dos que já não se encantam com a vida. Teria sido assim sempre? Ou o destino, seu carrasco, fora-lhe tão cruel, escarninho?!

Era vista algumas vezes, à tardinha, debruçada à janela rude daquela casa abandonada. Vez por outra, vinha visitá-la um homem sério, que também parecia guardar as mesmas lembranças. Vinha grave, o semblante de quem caminha em socorro de sua vítima. Demorava algumas horas e saía cabisbaixo, quase a levitar flutuando sobre as folhas secas do caminho. Ninguém lhe dirigia a palavra. Os moradores da rua achavam-no esquisito. Muitos até juravam que se tratava de um fantasma, de uma assombração. Na verdade, quem o podia ver, arrepiava-se. "Cruz Credo!" Olhava sempre em frente, jamais acenava ou gesticulava. Os braços caíam-lhe ao longo do corpo magro, abandonados. As grandes mãos másculas obedeciam servis às ordens dos braços e balouçavam inertes, indolentemente. Caminhava. Não! Levitava, até desaparecer na última curva da rua.

Nos intervalos da visita misteriosa, acontecia algo inacreditável. A "Mulher de Azul" (assim chamada por ser vista sempre com roupa dessa cor) não aparecia à janela. Ninguém a via. Sequer se ouvia qualquer barulho na casa. Por que ninguém se preocupava com ela? O que comia? Como vivia? Estas indagações pairavam apenas na mente dos curiosos, aqueles que vivem da especulação da vida alheia, mas que são, indiscutivelmente, os grandes decifradores dos mistérios da vida. Ou da morte?

Um dia, porém, veio ocupar uma das melhores casas da rua um homem que aparentava ter uns cinquenta anos. Simpático, educado, de feições próprias de quem não tem medo da vida. Mas,

havia nele algo estranho, incognoscível. Certa tarde, estando a fitar a imensidão do espaço, perdido em não sei que pensamentos, por imposição ou por casualidade, seus olhos descobrem uma janela. Viu-a abrir-se e assomar um vulto de mulher. Aparecera como uma fotografia num álbum de família. Arregalou os olhos míopes, por trás dos óculos, cuja armação bem trabalhada brilhava aos últimos raios do sol poente. Ficou a contemplar aquela visão com familiaridade. Quem seria aquela mulher?! Viveria sozinha naquela casa? Parecera-lhe ter sido bonita e elegante. Sua postura à janela dava-lhe essa certeza. Tê-la-ia visto em algum lugar? Mas... onde? Aquele talhe esbelto...

De repente, viu a porta da casa abrir-se. Intrigou-se. Abriu-se e fechou-se para receber alguém. Contudo... ninguém entrara. Vira bem. Ninguém entrara. Cerraram-se porta e janela, juntamente com a noite silenciosa e negra, pesada como os túmulos dos mortos.

Durante aquela noite, mais de uma vez, Rodrigo abrira as venezianas com a ansiedade própria dos amantes, mas a casa continuava hermeticamente fechada. E foi assim até que o sono pesou sobre suas pálpebras, vencendo-o. Sonhou que era Orfeu, tangendo sua lira em busca de Eurídice, diante de Plutão e Prosérpina.

Ao acordar, no outro dia, o sol beijava as flores recém-nascidas. Flores frescas. Perfume. Vida. Amor. O que se passara na noite anterior veio-lhe à memória. A princípio, pensara tratar-se de um sonho. NÃO! A casa ali estava. A janela. A porta. E a mu...lher? Talvez ainda dormisse... Correu a fazer suas abluções matinais e saiu disposto a ir visitá-la. Foi. Bateu palmas. Deu pancadinhas à porta, à janela. Ninguém respondeu. Gritou. Não obteve resposta. Frustrado, deu de ombros e saiu, absorto em pensamentos. Alguma coisa, porém, agarrava-o àquela mulher. Mas, o quê? Deveria aguardar. E quando ela aparecesse à janela, falar-lhe-ia. Era isso mesmo! Faria isso. Faria!

Esperou a visão com paciência socrática. E nada acontecia. Impacientou-se. Decidiu entrar lá. Baterá antes. Mas o que diria a ela? Um desconhecido é sempre um desconhecido! E se não atendesse? Não. Não deveria ir! Por que deveria?! Mergulhado em divagações, nem se dera conta de que já estava ali, parado, diante

da casa. Ajeitou o colarinho. Perscrutou um lado e outro da rua, com o coração aos pulos. A mão crispada deu três toques na porta que, automática, abriu-se. Penetrou, meio desconfiado. Olhou ao redor. Sentiu um frio intenso correr-lhe pela espinha. Uma cadeira perto da janela. Uma mesa velha e um candelabro antigo, empoeirado. Num canto da sala, uma aranha trabalhava, indiferente. Suava. Tremia. Os olhos apertados procuravam abrir-se mais e mais. Esgueirou-se pelo corredor escuro. Entrou no quarto. Tinha a certeza de que ali encontraria alguém. Olhou, nada viu, a não ser uma cama encoberta por uma poeira de muitos anos. "Volta! Sai daqui!" – dizia-lhe uma voz estranha. Mas já era tarde... Ali, na mesinha de cabeceira, vira algo que esclarecia tudo: um medalhão. "Que faz isso aqui, meu Deus?!" Agarrou-o, trêmulo, e pôde rever (apesar das lágrimas que lhe embaçavam os olhos). de um lado, a foto de seu irmão (grave e sério) e, no outro, a sorrir, mostrando os alvos dentes enfileirados, o rosto da cunhada que tanto amara. Contemplou aquele busto farto, saltando de uma blusa azul, como dois cisnes assustados. Cisnes que tantas vezes contivera no lago de suas mãos... A saudade fê-lo chorar. Saudade e remorso.

Sentiu desabar sobre si um temporal de lembranças esquecidas. Era o ato final que voltava à cena. Um ato em que, somente ele, personagem viva, era agora, também, o único espectador. Um espectador onisciente do clímax... Não poderia aplaudir. Só lhe restava, então, chorar. Apertou a relíquia de encontro ao peito, e qual se fora Rubião, gritou ensandecido: "Ao vencedor as batatas!"

No outro dia, o sol se levantava límpido, sem cumplicidade. A velha casa, aberta, já não era triste. Podiam-se ouvir vozes e risos, Rodrigo mal acreditava no que via. Correu a apanhar o medalhão, para certificar-se de que não enlouquecera.

"Está aqui. Guardei-o aqui!" Procurou, procurou... Mas somente o vazio lá estava. O grande vazio próprio dos que já não vivem. Ou, talvez, o imensurável vazio dos loucos que, sequer, sabem que ainda vivem.